

## CARTAS A VINCENT

*Carine Peres\**  
*Marcos Pippi de Medeiros\*\**

### RESUMO:

A clínica psicanalítica se ocupa da produção sintomática nos sujeitos. A arte, nesse sentido, diz dessa produção, uma vez que podemos percebê-la enquanto via de alívio pulsional e inscrição subjetiva. Quando encontramos, nas produções de um artista obras que denunciam uma repetição, somos levados a pensar sobre isso. Na obra de Vincent Van Gogh, isso ocorre: são aproximadamente 30 auto-retratos. Este artigo se ocupa em pensar nessas relações, visto que auto-retratos são produções que dizem da imagem corporal. Através de um referencial teórico psicanalítico, são escritas cartas, endereçadas a Vincent, personagem central dessa produção.

**PALAVRAS-CHAVE:** Auto-retratos. Sintoma. Repetição. Vincent Van Gogh.

---

\* Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), aluna do curso de especialização em Clínica Psicanalítica pela ULBRA. E-mail: carinelsp@gmail.com.

\*\* Psicanalista, graduado em Psicologia pela UNIJUÍ, mestre em Psicologia Clínica pela PUC/SP, professor do curso de Psicologia do Centro Universitário Franciscano – UNIFRA, membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre e da Prévôté – Espaço Psicanalítico.

### *A Vincent*

Pensar arte enquanto trajeto constituinte, pensar arte a partir de um território livre, onde aquele que cria se permite, ousa, se depara com uma nova realidade, capaz de ser *re-inventada*. Explorar esse mundo constitui tarefa difícil, pois suscita algo transformador para aquele que se aventura. Conhecemos diversos personagens com tal capacidade encantadora. Para mim, caro Vincent, tu és um desses personagens.

Um homem de paixões, capaz de, e sujeito a, que tomado pelo sofrimento psíquico permite-se transparecer através da arte.

Tua trajetória está marcada pela arte e pela escrita, onde falas de um outro lugar desse sofrimento que o acompanhou por toda vida; com isso não vejo outra forma de conversar contigo, pois o que deixaste é significativo. Tua obra e tuas cartas, coisas que falam de forma tão transparente de ti. Não pretendo responder aos teus questionamentos com teorias, mas sim conversar contigo, como fizeste ao pintar e escrever, sem saber a quem iria interessar, e ainda assim o fez. Permito-me convidar outros autores que igualmente sentiram-se tocados por aqueles que transformam seu sofrimento em linguagem, seja pela escrita ou pela arte.

Refiro-me aqui àqueles que se ocupam do estudo da Psicanálise, ou seja, ao estudo daquilo que se encontra escondido, mascarado, na mente do ser humano. A psicanálise enquanto fazer criador, onde não se limita apenas em desvendar o que se encontra esquecido, mas sim dar existência a algo que não teria vida sem esse gesto de criação; a psicanálise enquanto um fazer com a arte.

Este trabalho não se trata de uma análise das tuas obras, mas sim em um pensar a respeito do que deixaste. Em tua biografia, organizada pela esposa de teu irmão Théo, estão presentes relatos acerca de tuas tentativas em apresentar ao mundo tuas obras. Inicialmente, ela relata, foram tentativas fracassadas em que muitas vezes artistas e visitantes riam ao olhar teus desenhos, por julgarem demasiadamente excêntricos, então ela pede, ao apresentar ao mundo um Vincent Van Gogh tomado por uma enorme sensibilidade e compromisso com a arte, que tuas cartas sejam lidas com muita consideração.

Em particular irei me ocupar das tuas produções de auto-retrato, percebendo a arte não apenas como fonte de alívio para o sofrimento, mas enquanto via de construção a partir dessa exteriorização, uma vez que foste tomado por esta questão, entregando-se com

tamanha pureza a esta prática. Sendo o sofrimento constitutivo, torna-se curioso pensar nestas produções, uma vez que auto-retratos são produções que dizem do próprio corpo, de uma percepção particular que se tem do corpo enquanto imagem, que advém do Outro.

Escrevo para Vincent e não para Van Gogh, como ficaste conhecido, ou Vincent Wilhelm Van Gogh, como te nomeou a família, pois Vincent foi o nome que assinou tuas telas e tuas cartas. Assim, sinto-me na obrigação em me remeter a ti desta maneira, pois sendo as produções de um artista forte expressão de suas angústias e sofrimentos, não vejo outra forma de demonstrar meu respeito a não ser me referindo a ti como tu te nomeias, Vincent.

*Com consideração,  
Carine.*

### ***Refiro-me ao 5º***

Gostaria de trazer algumas reflexões acerca do nome o qual te foi dado pela família. “*O 5º Vincent Van Gogh*”.

Anterior ao nascimento de um bebê, certo movimento pré-existente no meio familiar se põe a “funcionar”, ordenando de modo a deixar transparecer de forma inconsciente o lugar ao qual aquela criança encontra-se “pré-destinada” a ocupar na família. E isso ocorre antes mesmo das relações entre os sujeitos se tornarem humanas; elas já estão determinadas. Existe, então, o uso dos significantes, e estes organizam e modelam as relações humanas. Assim, antes da formação desse sujeito desejante, que se situa *aí*, que conta e é contado, e neste contado já está o contador, só depois, é que esse sujeito se reconhece *ali*, reconhece-se *ali* como contador.

O nome Vincent na tua família tem origem no século XVI na pequena cidadezinha de Gogh, na fronteira da Holanda com a Alemanha; porém, foi no século XVIII, no ano de 1729 que nasce o primeiro Vincent. Sendo este escultor, é através dele que a arte entra na família Van Gogh. O 1º Vincent Van Gogh vem a falecer em 1802. Solteiro, deixa uma quantia considerável em dinheiro para seu sobrinho Johannes Van Gogh, que vem a ser o pai do 2º Vincent Van Gogh (1789- 1874), este, avô do pintor, teve doze filhos, entre eles o 3º Vincent Van Gogh, que teve grande influência na vida de seus sobrinhos, Vincent e Théo. Entre os doze filhos está o pai dos irmãos, Theodorus Van Gogh (1822- 1885), que se casa com Ana Cornelia Carpentus (Bonger, 2004, p.7-9).

Para No dia 30 de Março de 1852, nasce em tua família um irmão, natimorto, o 4º Vincent Van Gogh. Um ano depois, exatamente na mesma data, tua família é presentada com outro menino, nomeando-o igualmente de Vincent Van Gogh, o 5º Vincent da família Van Gogh, o pintor. Somente após tua morte, Vincent, foi que tiveste o reconhecimento na atividade a que dedicaste tua vida e almejaste, com certo desespero, alcançar sucesso. O número 5 teve um peso muito grande no teu trajeto, na tua constituição, já que foste o 5º Vincent Van Gogh e soubeste muito bem o peso que teve por carregar este nome e este número; muitas vezes chegaste a se denominar “o substituto”. Mas substituto do quê? Para quê? De um Vincent que morrera um ano antes do teu nascimento? Que destino teria esta criança? Não poderemos saber. Pois bem, podemos pensar no destino do 5º Vincent, que é a quem me dirijo por meio destas cartas.

Acredito que teu destino não se inicia no dia 30 de Março de 1853, mas antes, e antes mesmo do nascimento/morte do 4º Vincent, poderíamos pensar nesse destino iniciando-se alguns séculos antes, a partir do 1º Vincent.

Com isso, algo em tua família se produz e esses diferentes Vincents, com muito mais em comum do que o nome, agora carregam sobre seus ombros algo que nos foge do visível e se faz presente nesse círculo familiar, como um mito; um mito que “ronda” essa família e esses Vincents; um mito familiar. Este mito só toma significação à medida que o inconsciente o organiza a partir de suas leis, significando algo para o indivíduo como para os outros, produzindo-se, a partir, daí um discurso (Lacan, 1964, p. 11-33).

Sente-se então “*um substituto*”, “*herdeiro de algo*”, “*eclipsado*”, e se produz por via do discurso daquilo que te constituiu enquanto sujeito e que proporcionou que te inscrevesse e ocupasses um lugar, a partir do disso que advém do Outro.

Tenho sempre tanto medo de que, onde quer que Vincent se encontre, ou seja lá o que ele possa estar fazendo, ele estragará tudo com sua excentricidade e suas idéias e pontos de vista sobre a vida, que são tão estranhos”, escreveu sua mãe. Seu pai acrescentou: “Uma coisa que nos entristece muito é perceber que ele literalmente não conhece as alegrias da vida, sempre caminha com a cabeça baixa, mesmo que nós tenhamos feito tudo que estava a nosso alcance para que ele obtivesse uma situação honrada! Até parece que ele deliberadamente, *escolhe* sempre o caminho mais difícil (Bonger, 2004, p. 50).

O mito é o que dá uma formulação discursiva a algo que não pode ser transmitido na definição da verdade, porque a definição da verdade só pode se apoiar sobre si mesma, e é na medida em que a fala progride que ela o constitui (Lacan, 2008, p.11-43).

Sendo assim, podemos pensar nos mitos que envolvem a problemática de um sujeito enquanto algo que diz dos complexos constitutivos e que se torna repleto de sentido ao ser manifestado, ou seja, tem como ponto de partida algo que lhe é inconsciente e que, ao ser externalizado, mistura-se a esses discursos produzidos pelo Outro e se enche de um sentido particular, que é subjetivo.

Vincent, estas linhas falam a respeito da repetição que percebo em tua família sobre teu nome, formando uma cadeia familiar, a cadeia familiar a qual esta inserido e constitui diferentes sentidos para os diferentes Vincents. Tu foste o 5º; soubeste o que foi carregar este nome, este número. Quase como um eclipse onde o sol que tapa a lua, vários sóis que tapam uma lua, vários Vincents que “tapam” e escurecem o 5º da seqüência, e este se desespera ao tomar conhecimento de um 6º Vincent, seu sobrinho, filho de seu irmão Théo.



Não sei se saberias definir, pois se trata de outra ordem, algo que é da ordem do inconsciente e diz de uma seqüência ordenada pela tua constituição enquanto sujeito, corpo e imagem, enquanto o 5º Vincent na família Van Gogh, prestes a presenciar o nascimento do próximo substituto, o 6º Vincent, outro eclipsado que, ao mesmo tempo em que está fadado ao fracasso, como tu, tornará de ti apenas o 5º Vincent nessa cadeia familiar, nada mais.

*Compreendo.*

*Carine .*

### ***Corpo-retrato***

Antes mesmo do nascimento de um bebê, são estabelecidas relações que dizem do lugar que esta criança ocupará na família, em particular daquilo que ela representará e, porque não, do que denunciará do casal parental. A noção de imagem corporal se constitui a partir de um olhar, um olhar que é enviado pelo Outro e endereçado a ela. Ao falar deste

Outro, refiro-me à relação materna e com isso podes perceber a importância dessa construção, uma vez que esta relação é fundamental para o sujeito.

O corpo, para a psicanálise, não tem valor somente enquanto constituição fisiológica, e sim enquanto uma construção psíquica, que se dá através da imagem construída a partir do que lhe é enviado por um olhar muito particular: o olhar desse Outro. A teoria do Estádio do Espelho poderá nos ajudar na formulação desta reflexão, meu caro. Ela não se trata apenas de uma fase, e sim de algo que é constitutivo, de uma imagem totalmente subjetiva que o sujeito formula de si, ocorrendo entre o 6º e o 18º mês a partir de seu nascimento (Lacan, 1966, p. 97-103).

Em um primeiro momento, a criança percebe sua imagem, mas não a reconhece enquanto sua, num momento de confusão entre si e o outro, pois ela ainda permanece envolta nesse outro que a orienta. Em um segundo momento, ela vem a perceber o que aparece no espelho; vê, então, que se trata de uma imagem, conseguindo diferenciar o que é a imagem do outro do que é a realidade desse outro. Em um terceiro momento, e é neste momento que o Estádio do Espelho se concretiza, a criança não apenas sabe que o reflexo do espelho se trata de uma imagem, a sua própria imagem refletida, e agora se percebe enquanto corpo unificado, desfazendo a concepção anterior, que seria de um corpo fragmentado (Dor, 1989, p.77-88).

A partir destes conceitos, caro Vincent, podemos perceber a importância desse momento na estruturação do corpo, no que diz respeito à imagem corporal assimilada. Se trata de algo que é extremamente constitutivo e que vem de um outro, algo que nos é muito particular e subjetivo. Não foge à interferência do Outro, nada foge; não somos forma unitária, uma vez que tudo que nos constitui está atravessado pelo olhar, o olhar do Outro.

Um corpo que fala, um corpo falante, que comporta significantes, ou seja, está para além de uma função enquanto corpo vivo, apenas carne e osso; um corpo marcado pelo simbólico. Um corpo de gozo, o corpo sexual, encontra-se inserido na perspectiva do Real. O corpo, enquanto imagem, não diz da imagem que o sujeito faz de seu próprio corpo de forma muito particular, individual, inédita, pois lhe é transmitida pelo Outro, seu semelhante, encontra-se no campo do Imaginário (Nasio, 1993, p.145-165).

Como, então, meu caro Vincent, não pensar em produções de auto-retrato enquanto algo que fala, através da arte, de uma constituição desse corpo, que não se resume em órgãos, pele e ossos, é imagem, a imagem que o sujeito tem de si mesmo? E isso se torna tão peculiar quando essa concepção é totalmente atravessada por esse olhar que é daquele que

nos dá propriamente a vida, pois é através desse olhar que o sujeito se constitui enquanto sujeito, se faz sujeito e deseja. Um *auto-retrato*, *auto-re-tratar*, tratar novamente *algo que é meu*, *re-tratar* algo que diz dessa imagem corporal, uma vez que, pintas aquilo que se constituiu enquanto imagem corporal que pode, sim, ser *re-tratada*, uma vez que se *trata* de um processo constitutivo.



*Auto-re-tratada sempre,  
Carine.*

### ***Encontros; Desencontros***

O sintoma é aquilo que se repete na vida do sujeito e não é percebido por ele, é onde a experiência se apresenta, um mal-estar se impõe ao sujeito, fala por ele; estando além deste sujeito, é descrito com palavras singulares e metáforas inesperadas. É no deslize que o sujeito “permite” que seu sintoma apareça (Nasio, 1993, p.11-46).

Meu caro, me permito a escrever algumas linhas a respeito de um tema que merece grande atenção daqueles que se importam em *escutar* o outro. Falo da formação sintomática no sujeito, ou seja, o modo como o sujeito funciona, atua. Este estudo se faz importante uma vez que, como já te disse anteriormente, considero significativa a repetição dos auto-retratos em tua obra.

Um sintoma, então, é a expressão daquilo que foi recalcado, causador de angústia e agora retorna. Assim, para que se conviva com algo que diz de uma situação primitiva e muito angustiante, pois se trata de via de acesso a revivências traumáticas, o sujeito forma sintoma. O sintoma é como o sujeito funciona e tem finalidade de alívio de angústias que dizem de sua constituição primitiva (Dias, 2006, p. 399-405).

Ele se repete insistentemente e é através desta repetição que poderemos chegar bem próximo de desvendar seu sentido, visto que ele nunca será revelado em sua essência, pois é inconsciente, e, sendo assim, ele aponta para alguma coisa, tem um fim, procura uma satisfação real, que faz sentido apenas para aquele que vive nessa repetição uma busca inalcançável, uma vez que sua origem se dá através da perda, pois o que nos constitui enquanto sujeito desejante é atravessado pelo Outro.

A repetição, na medida em que se abre uma espécie de desdobramento da unidade, vem justamente desvelar que o eu não é UM, pois se funda essencialmente sob uma lógica do múltiplo. Eis porque todo movimento de repetição se articula igualmente sobre a questão da perda; perda deste UM constitutivo, perda deste objeto primeiro que tentamos reencontrar infinitamente. (Souza, 2001, p. 130).

Na perspectiva lacaniana, a repetição estaria a serviço de uma insistência da cadeia significante. O significante é sempre uma expressão involuntária de um ser falante, inconsciente e executado sem intencionalidade; é desprovido de sentido; é *Um* entre os quais se articula, ou seja, ele nunca se faz sozinho, mas é sempre UM, entre outros. (Nasio, 1993, p.145-165).

O significante é desprovido de sentido para tudo que está “de fora”, ele faz sentido para outro significante, seja este um *próximo auto-retrato, uma carta... uma tela, uma carta, um auto-retrato*, etc. e, assim se formula a cadeia significante que diz do 5º Vincent Van Gogh, enquanto sujeito.

Com isso, meu caro Vincent, a priori o sintoma (a)parece enquanto território estrangeiro perante o *eu*, mas, ao mesmo tempo, representa algo que remete a um familiar, uma vez que diz de algo que foi recalcado pelo inconsciente, ou seja, impedido, por alguma razão, de tornar-se consciente. Assim, fala de uma pulsão sexual primitiva que foi recalcada e agora retorna, despertando isso que diz de um familiar, uma vez que causa sofrimento (Freud, 1919, p. 237-269).



Ao iniciar meu estudo, me deparei com um conceito que vem ao encontro desse sentimento de curiosidade, se assim posso denominar, sobre o fenômeno do Duplo na perspectiva psicanalítica. Penso que, de alguma forma, chegas a este encontro, ou a algo que está muito próximo dele, no que se refere à insistente repetição dos auto-retratos, lembrando a brincadeira com esta palavra que nos induz a pensar na idéia de *auto-re-tratar* algo que diz da constituição corporal do sujeito enquanto imagem, ou seja, tratar novamente algo que lhe é constitutivo.

A psicanálise investiga este fracasso do reencontro, permitindo mudar o postulado inicial. A pergunta a ser colocada seria, sobretudo, de saber qual a repetição que é possível e o que efetivamente repetimos (Souza, 2001, p. 127).

O que repetimos e como repetimos se faz fundamentalmente importante, uma vez que esta repetição diz da busca incessante do sujeito por aquilo que o constitui e lhe foi endereçado através do olhar do Outro. Assim, as experiências da ordem do duplo apontam para este encontro com tom de duplicação, mas que significa para o sujeito que o vivencia, sofrimento, proveniente de uma angústia relacionada a uma perda. Perda esta que diz do que mais puro poderíamos ter de nós mesmos, sem atravessamentos que dizem de um Outro, ou seja, absolutamente nada, pois mesmo antes do nosso nascimento já ocupamos e funcionamos a partir de um lugar no meio familiar; como então estar alheio, conseguir se desvencilhar desse destino que nos foi traçado? Não há meios, não há como, não podemos! Podemos sim, *repetir, repetir* o que jamais será lembrado.

*Duplamente, Carine.*

*Arte, para concluir*

“Bom, afinal há tantos pintores que de um modo ou de outro são doidos, que pouco a pouco me consolarei.” (Van Gogh, p. 338)

A arte foi a tua vida. Não imagino como um sujeito consiga deixar-se tomar por algo e viver isto de forma tão corajosa, pois tua vivência através dessas produções tomou grande significado e somente uma pessoa tão sensível a estes sentimentos que dizem de si mesmo, de sua constituição mais pura, mais primitiva, por assim dizer, poderia alcançar algo tão extraordinário. Nunca pensaste em vida que poderias chegar a tal reconhecimento e o quanto isto te custou, uma vida fadada ao fracasso; custou a morte, ou a vida.

A tua arte foi tua amiga e inimiga ao mesmo tempo, no sentido que proporcionou certo alívio, tendo em vista que o artista, ao criar, manifesta conteúdos inacessíveis à consciência que são, de certa forma, angustiantes. A arte caminha a teu lado, como tua amiga. Inimiga ela se torna quando justamente te põe frente àquilo que suscita tal exposição, o sofrimento. Isso faz todo sentido ao perceber tuas produções e o modo como te entregaste a elas, aquilo que é repetido e ressignificado, ao se deparar com algo tão importante, precisa ser retornar, talvez para ser entendido, talvez porque seja tão estranho, talvez porque não possa ser entendido e seja, ao mesmo tempo, tão familiar.

No brincar, a criança pequena acessa conteúdos inconscientes, reproduzindo o desejo de tornar-se adulto, criando uma realidade particular, mas sabe que sua criação não se trata de algo real, separando o mundo que fantasia, ao brincar, da sua realidade. Ao adulto não é permitido brincar, pois o se que espera do sujeito que cresce é que o mesmo atue no mundo real. O adulto envergonha-se de suas fantasias infantis e, de certa forma, proibidas. Estas fantasias são a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória e dizem da substituição do que anteriormente lhe era permitido pelo Outro, o brincar. Renuncia, então, de algo que lhe é prazeroso (Freud, 1907, p.157-58).

É difícil para o homem abdicar de um prazer que já experimentou. O sujeito não renuncia a nada, apenas troca uma coisa por outra. Assim, o que antes era o brincar, agora no adulto, torna-se fantasia. Porém, nos chama à atenção aqueles sujeitos que demonstram suas fantasias e não se envergonham disso: os escritores *criativos*.

[...]de que fontes esse estranho ser, o escritor criativo retira seu material, e como consegue impressionar-nos com o mesmo e

despertar-nos emoções das quais talvez nem nós julgássemos capazes. .... Afinal, os próprios escritores criativos gostam de diminuir a distância entre sua classe e o homem comum, assegurando-nos com muita freqüência de que todos, no íntimo, somos poetas, e de que só com o último homem morrerá o último poeta (Freud, 1907, p. 135).

O artista permite-se embarcar na atmosfera da criação; este ato se assemelha à ficção, algo que ultrapassa os limites do corpo, atuando como um *corpo-receptáculo*, uma vez que absorve informações do mundo, para o mundo. O ato criativo acontece no momento em que este corpo, que recebe e se mistura a essas sensações, se faz um só, tomado por algo que clama por uma *forma*, *trans-forma-se*, resultando em outro corpo que suscita ao artista decifrá-lo (Derdyk, 2001, p. 14-22).

Mostra, em tuas cartas algo que diz de uma produção incessante, um corpo tomado pela angústia e clama por *trans-forma-ção*.

Meu caro irmão, é sempre em meio ao trabalho que lhe escrevo, estou trabalhando com um verdadeiro possesso, mais que nunca estou num furor surdo de trabalho. E creio que isso contribuirá para minha cura. Talvez me aconteça algo como na fala de Eugene Delacroix: 'Encontrei a pintura quando não tinha mais nenhuma paixão e nem ânimo'. No sentido de que minha doença me fez trabalhar com um furor surdo, e provavelmente aí está o segredo: trabalhar muito tempo e lentamente..." (Van Gogh, p. 372).

Temos, então, um Vincent tomado por um sentimento de produção incessante, movido pela angústia, te pões a produzir, a pintar e a escrever, sobretudo para livrar-se daquilo que te incomoda, "tua doença". Precisas então, *re-tratar-se*, pois estás frente a este estranho angustiante. Esse mundo que agora pertence à dimensão da fantasia, o mundo do trabalho incessante, o mundo que fala e diz muito de si, de um Vincent que necessita, através desse movimento realizado pela arte, "acordar" coisas que falam de um pequeno Vincent, coisas que são anteriores a esse bebê pertencente à família Van Gogh. Um Vincent que brinca ao pintar e "fala" disso com tanta naturalidade e ao mesmo tempo com a tua *excentricidade*. Depara-se com o resultado, um auto-retrato, um corpo, um Vincent atormentado.



*Théo Van Gogh*



*Auto-retrato de Vincent Van Gogh*



*Vincent Van Gogh*

Livrar-se? Livrar-se do quê? De um corpo que é imagem; imagem que não pertence a ele, mas sim aquele que carrega o nome de seu pai e muitas vezes atua como tal, Theodorus Van Gogh, o Théo, o irmão devotado, quatro anos mais jovem que Vincent. Théo, desde pequeno acompanha Vincent, admira o irmão, vive para este irmão e morre com Vincent. Paralisado em uma cama e louco, Théo vem a falecer seis meses após o suicídio de Vincent. Essa semelhança também é percebida por pessoas que fizeram parte de teu convívio.

O ataque de loucura de Van Gogh (Théo) é uma desgraça para mim... Que fatalidade! Você sabe o quanto amo a arte de Vincent. Mas, dada a estupidez do público é inoportuno recordar Vincent e sua loucura no momento em que seu irmão se encontra na mesma situação. (Paul Gauguin em carta a Émile Bernard, Bonger, p. 394).

Théo me escreveu a respeito da cabeça de mármore de João Batista esculpida por Roldin: 'O escultor concebeu uma imagem do precursor de Cristo que recorda exatamente o rosto de Vincent. Só que eles nunca se viram. Aquela mesma expressão de tristeza, aquela mesma testa desfigurada por rugas profundas, o que denota pensamentos profundos e uma férrea autodisciplina, que é idêntica à de Vincent, embora a testa dele seja um tanto mais fugidia; o formato do nariz e a estrutura da cabeça são igualmente os mesmos.' Quando, mais tarde, tive oportunidade de ver o busto, descobri nele uma perfeita semelhança, mas com Théo. (Bonger, 2004, p. 37).

Não posso deixar de apontar para a semelhança que encontro com Théo, em teus auto-retratos, Vincent. Muitas vezes ao me deparar com as tuas produções, parecia estar olhando para uma imagem dele, e não tua. A arte, com tudo que ela implica, inclusive a possibilidade de *auto-re-tratar* uma coisa, uma concepção, uma constituição, um laço, uma

relação, possibilita uma transformação, uma mudança, uma *re-constituição* disso que diz de uma angústia, seja ela por um laço tão extremo, seja ela de uma imagem; seja ela de um nome. Isso que se dá através da repetição, e aí, sim, torna-se fazer inconsciente e encontra um sentido.

Não se trata mais, meu amigo, em tornar visível o invisível e sim criar, modificar o que antes era passível de apenas um sentido, multiplicar, a partir do ato de criação, uma realidade tomada pela angústia e, então, fazê-la visível. Damos toda razão para Kon (2001, p. 31-39), ao falar do ato psicanalítico enquanto algo similar à dinâmica da criação, ao não mais limitar-se em desvendar o que se encontra escondido na consciência do artista, e sim criar, a partir do que já está instaurado, porém esquecido. A atividade artística, então, associa-se, ao formar, executar, produzir e realizar, resultando em inventar, figurar e descobrir. A psicanálise torna-se um fazer com a arte.

Destes tuas angustias à arte, quanta coragem! A arte é atividade encantadora, como tu, meu grande personagem. Mostrar-se de forma tão transparente e se entregar a isso, até mesmo quando tua prática fugia do alívio e te botava de frente à angústia, ao sofrimento; não fugias, continuavas, produzas, fazias, *retratavas*.

Te escrevo esta última carta, destacando a importância dessa repetição de autorretratos, produções que falam de uma constituição corporal enquanto imagem, advinda do Outro, tão importante na constituição do ser humano enquanto sujeito desejante. Uma repetição que toma outro sentido ao ser pensada nessa dimensão enquanto formação sintomática. O sintoma é algo que fala pelo sujeito, sobretudo porque é através dele que este estabelece suas relações, atua. Um sujeito falante, denunciador, de algo que diz justamente daquele pelo qual está atravessada a sua constituição, desde antes do nascimento, o Outro.

*“Através de um quadro, quero dizer alguma coisa confortadora...”* (Vincent Van Gogh), através dessas cartas gostaria de te dizer muitas coisas confortadoras, porém, ao escrevermos sobre um tema já não somos mais autores de uma história e sim, personagens. Não se trata de uma escolha definida pelo acaso, mas de assuntos que nos suscitam sentimentos particulares que dizem de nossa subjetividade. Como então, meu precioso amigo, te falar alguma coisa confortadora, se me pões de encontro com algo que certamente diz de um duplo?

*Com profunda angústia,*

*Carine.*

## Referências

- BONGER, Johanna. *Biografia de Vincent Vang Gogh por sua cunhada Jo Bonger*. Tradução Willian Lagos. Porto Alegre: L&PM, 2004.
- CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. *Considerações sobre eu e o corpo em Lacan: uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan*. Estudos de Psicologia. (Natal) [online]. 2002, v. 7, n. 1, p. 143-149. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2009.
- DIAS, Maria das Graças. *O sintoma de Freud a Lacan*. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 2, p. 399-405, mai./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n2/v11n2a18.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2010.
- DERDYK, Edith. *Ponto de chegada, ponto de partida*. In: SOUSA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. (Org.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- DOR, Joël. *Introdução à Leitura de Jacques Lacan*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- NASIO, J.-D. *5 Lições sobre a Teoria de Jacques Lacan*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- FREUD, S. (1919). *O estranho*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XVII. Rio de Janeiro, Imago, 1976, p. 273-314.
- FREUD, S. (1908). *Escritores criativos e devaneio*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Rio de Janeiro, Imago, 1977.
- FREUD, S. (1914). *Recordar, repetir e elaborar*. In: Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- KON, Noemi. *Entre a psicanálise e a arte*. In: SOUSA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. (Org.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.
- KON, Noemi. *Freud e Seu Duplo: reflexões entre arte e psicanálise*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1996.
- LACAN, J. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2. ed., 1964. Tradução M.D. Magno, 2008.
- LACAN, J. *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Tradução Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. *O estádio do espelho como formador da função do eu*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.96-103.

NASIO, J.-D. *Meu Corpo e suas imagens*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

NASIO, J.-D. *O olhar em Psicanálise*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

SOUSA, Edson. *Uma estética negativa em Freud*. In: SOUSA, E.; TESSLER, E.; SLAVUTZKY, A. (Org.). *A invenção da vida: arte e psicanálise*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Traduzido por: Pierre Ruprecht. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2008.

## LETTERS TO VINCENT

### ABSTRACT:

The psychoanalytic clinic deals with the symptomatic production in the subjects. The art, in this sense, is present in this production. Once again, we can perceive it as a way of psychic energy and subjective description. When we find, in the productions of an artist who works betray a repeat, we are led to think about it. In the Vincent Van Gogh work, this occurs: It's about 30 self-portraits. This article engages in to think about these relations, whereas, self-portraits are productions that tell the body image. Through a psychoanalytical theory, are written letters, addressed to Vincent, the central character in this production.

**KEYWORDS:** Self-portraits. Symptom. Repetition. Vincent Van Gogh.

## LETTRES À VINCENT

### RÉSUMÉ :

La clinique psychanalytique se consacre à l'étude de la production de symptôme chez les personnes. L'art, en ce sens, est présent dans cette production. Une fois de plus, nous pouvons le percevoir comme un sorte d'énergie psychique et de description subjective. Quand nous trouvons, dans la production d'un artiste qui travaille "betray a repeat", nous sommes amené à pensé à cela. Dans le travail de Vincent Van Gogh, cela se produit: Il y a une trentaine d'auto portrait. Cet article nous pousse a penser à ces relations, où les autoportraits sont des productions parlant de l'image du corps. A travers cette theorie Psychanalytique, des lettres sont ecrites à Vincent, le personnage centrale de la productions.

**MOTS-CLÉS:** Autoportraits. Symptômes. Répétition. Vincent Van Gogh.

**Carine Peres e Marcos Pippi de Medeiros**

Recebido em 05-10-2011

Aprovado em 11-10-2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

*Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq*

*Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.*

*Memória, Subjetividade e Criação.*

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br)

[www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)